

Internet das Coisas - Um Grito de Liberdade

de Internet das Coisas - 1º Grito de Liberdade de Internet das Coisas

Socorro! Tirem-me deste filme! SOCORRO! Estou preso num filme de terror! SOCORRO!!! Tirem-me deste filme! Eu já não estou a achar piada! Era isto que a Psicologia estava à espera? Estou a gritar por socorro! Era isto que a Astrologia estava à espera? Era isto que o Direito Penal estava à espera? Eu estou a falar a sério! Eu não estou a brincar! Estou dentro de um filme e não assinei contrato nenhum de cinema e realização. Socorro!!!! Estou a gritar!!!!!!!! Socorro!!!!!! Tirem-me deste filme!!!!!! Socorro!!!!!! Direito Penal!!!!?????? Exército, socorro!!!!!! Não vou chamar a polícia para me internarem numa psiquiatria. Estou lúcido. Não sou estúpido. Isto é não é um caso de polícia! Isto é um caso militar!!!!!! Socorro!!!!!! Força Aérea,???????? Socorro!!!!!! Onde é que está a minha Força Aérea????? Onde é que está o meu Direito Penal Militar capaz de me tirar deste filme????? Está em *Júpiter* de Gabriel Garibaldi????? Socorro!!!!!! Tirem-me deste filme! Eu quero sair deste filme! Eu estou a falar a sério! Não veem que estou metido num filme??? Estão-me a ver dentro do filme e não fazem nada para me tirarem do filme???? Socorro! Tirem-me deste filme! SOCORRO!!!!!!

Querem que eu diga o quê para me tirarem deste filme? Afinal, querem que eu grite como? Eu grito! Eu grito o que tiver de gritar! Para sair deste filme, eu grito! Quero ser livre. Tirem-me deste filme, por favor! Tenho de contar o filme, para sair do filme? Tenho de contar o filme, para me libertar do filme? Eu conto o filme todo. A Psicologia acha que eu não consigo contar o filme? A Psiquiatria acha que eu não consigo contar o filme? O Direito Penal acha que eu não consigo contar o filme? Parece que num triângulo ao contrário se uniram para derrubar todo o meu espírito... Só porque o meu espírito criticou o espírito da Psicologia, a Psicologia resolveu testar o meu espírito? A Psicologia sabe lá testar o espírito... O Direito Penal, que é espiritual, ainda sabe... Mas desde quando é que a Psicologia é espiritual? Eu gostava mesmo de saber com que espírito é que a Psicologia vai agora olhar para o meu espírito...?! Vai olhar com que olhos? Com olhos espirituais? Olhos espirituais tenho eu e não me chamo Psicologia... Socorro! Até a Psicologia está metida neste filme! Está tudo metido neste filme! Isto só pode ser um filme maçónico... Se eu soubesse, eu não tinha criticado a maçonaria... Achava que a maçonaria “aguentava” críticas... Aguentava o meu espiritualismo... E agora, vai ter de aguentar um outro espiritualismo meu, porque eu estou a ser obrigado a gritar por socorro, estou a ser obrigado a contar o filme que eu não queria contar... Mas estou a ser obrigado a gritar por socorro. E vou gritar, outra vez por socorro! E vou contar o filme todo! No meu socorro, vou contar o filme todo.

Tinha combinado com o Fred que iria buscá-lo à estação do metro. Ainda tinha tempo para demorar a atravessar o nosso jardim “onde vimos” a passar “a girafa” e “o elefante” em direção ao Parlamento. Antes de entrar na floresta dos bambus não sei porquê, pensei num ex-namorado que dizia que era “um bruxo”. Eu nunca penso em ex-namorados. Não me lembro dos meus ex-namorados. Mas não sei porquê, lembrei-me “do bruxo”. Trazia comigo, debaixo do meu braço, *O Algoritmo do Amor*. Escrevi n’*O Algoritmo do Amor* que “o bruxo” tinha hackeado o meu GPS e que esperava que o Fred desfizesse “o bruxedo”. Escrevi isto a brincar. Quando saí da floresta dos bambus, andei uns metros e vejo o bruxo do meu ex-namorado. Não me importei com a cena, simplesmente achei uma coincidência engraçada. Obviamente, que não lhe disse que tinha acabado de pensar nele.

Nem lhe disse que tinha escrito sobre ele. Ele abraçou-me assim que me viu. Perguntou-me que livro é que eu trazia na mão. Mostrei-lhe. Perguntou-me quem era o autor. Mostrei-lhe o nome. É fixe escrever em pseudónimo e poder andar com um livro que é nosso, mas fingir que não é nosso, fingir que não fomos nós que escrevemos e falamos do “espírito de autor” com um certo distanciamento... Às vezes, acabo por me esquecer que fui eu que escrevi *O Algoritmo do Amor*. Tem piada. Ele olhou para a capa e como viu um rapaz moreno e um rapaz loiro, como namorados, disse que podíamos ser nós... Eu disse que podia ser eu e o meu namorado. Ele disse que podia lançar um feitiço para desfazer o meu namoro com o Fred e para eu voltar a ser namorado dele, se ele quisesse... Disse que ia fechar os olhos e que ia abrir o livro e que ia ler em voz alta a página que calhasse e talvez calhasse um feitiço em cima de nós... Ri-me com a cena e fiquei só a vê-lo “a inspirar-se” e a “reencarnar” uma personagem qualquer. Abriu na página 335 da 1ª Ordem da 1ª Edição... Com os olhos fechados, desenhou um seis invisível com o indicador na página e abriu os olhos no exato parágrafo onde tinha fechado “o seis”. Leu em voz alta: «Baby... O nosso amor já é uma macumba... Não te preocupes que não há macumbas que possam desfazer a macumba do nosso amor... Nem as árvores... Quanto mais bruxos e feiticeiros...». Vi “o bruxo” a ficar “endiabrado”. Vi “o feitiço a virar-se contra o feiticeiro”. Deu-me o livro zangado. Achei piada. Fomos a conversar até ao final do jardim e na despedida disse-me para “aguentar” o que aí vinha, porque ia ser “um processo muito duro” e que ele ia aproveitar “o processo que ele sabia pelo qual eu iria passar” para “lançar o feitiço”, porque teria, assim, mais probabilidades “a favor dele”. Ri-me. Disse-me ainda, com um ar muito sério e altivo que caso “o feitiço” dele não resultasse que ele iria “possuir” o corpo do Fred e que “queria ver” se eu seria capaz de “aguentar” os três processos ao mesmo tempo. Disse-me que ia passar por um “processo tecnológico”, por um “processo espiritual” e por um “processo maçónico”. Eu ri-me e implorei-lhe para que não “possuísse” o corpo do Fred. Ele disse-me muito sério e muito altivo para que eu não brincasse com coisas sérias, para que não brincasse com o fogo, que eu era um signo de fogo e que eu não podia “fugir” à astrologia dele. Comecei a já não achar piada ao que ele estava a dizer. Não que acreditasse... Mas não gostava de o ver a dizer aquelas coisas com o ar sério e altivo com que ele estava a dizer. Lembrava-me da vez em que ele pela primeira vez tinha ido à minha cidade e tínhamos ido a uma pizzeria e “do nada” olhou para a senhora que nos atendia e “adivinhou” o signo dela e o nome da filha que se chamava “Lua”. Também acertou o “signo” de todos os meus amigos. Ele era de longe da minha cidade, não estava em redes sociais, era um “estranho” da minha Internet das Coisas. Foi visto por todos os meus amigos, como “estranho”. Cheguei perto do Fred e só lhe contei que tinha visto um ex-namorado meu. Cético e científico como é o Fred, sabia que o Fred não ia achar piada nenhuma à história “do feitiço” e por isso não lhe contei. Fomos namorar para o nosso spot do estádio do Sporting até há hora do meu autocarro. Já a sairmos do estádio do Sporting, o Fred segredou-me com uma voz estranha, uma voz que não parecia dele, que parecia “do bruxo”: «Baby... Estou a ver um feitiço... Estou a ver que amanhã quando acordares vais abrir *O Algoritmo do Amor* e quando fechares, a Jupiter Editions vai telefonar-te a dizer que leu o que leste e tu vais gritar, sabes porquê? Porque o Sporting vai ser campeão, baby! Ya, baby... Quando o Sporting for campeão, vais ter de me mamar e gritar muito...». Rimo-nos os dois imenso. «E baby... Estou a ver outro feitiço... Estou a ver-te vestido de salva-vidas numa ilha e vai aparecer alguém com uns calções do Sporting e com *O Algoritmo do Amor* na mão... Não sei se é um jogador do Sporting ou se é um ex-jogador do Sporting... Mas para desfazeres o feitiço vais ter de ter coragem de ir lá ter com ele e pedir-lhe que salte da página 335 para a página 470...». Sou sincero: não gostei. Não achei muita piada. Não há nada que ligue o Fred “ao bruxo”. Não há amigos em comum, não há nada. Se houvesse,

seria uma Estranha Internet das Coisas. Não gostei. Não achei piada. E como “mecanismo de defesa” ri-me e respondi: «Que grande salto, Fred! Seria preciso muita coragem para saltar assim as páginas d’O *Algoritmo do Amor*...». E o Fred respondeu-me: «Pois é, Jaimezinho... Vais ter de aguentar o filme... Ainda por cima, o jogador vai trazer como trunfo a 1ª Edição da 1ª Ordem de Impressão, vê lá tu...» E eu respondi: «Isso é um filme impossível, Fred... Sabes que só há 6 exemplares da 1ª Edição da 1ª Ordem de Impressão, que um dos exemplares tenho eu nas mãos, outros dois sabes bem em que mãos é que estão, só sobram 3...»... «Baby, é este mesmo que tu tens nas mãos que o jogador vai roubar... Ya... O jogador vai roubar O *Algoritmo do Amor*... Mas tu nem vais sentir nada... Vai ser magia... Vais ver O *Algoritmo do Amor* a ganhar asas e a voar...»... «O quê, Fred? Vais deixar um jogador chipar O *Algoritmo do Amor* e numa Internet das Coisas vamos ver O *Algoritmo do Amor* a ir parar às mãos do jogador???»... «Baby... É só um filme maçónico... Não vai passar de um filme nas nossas cabeças maçónicas... Sabias que tens uma cabeça muito maçónica?»... «Não sabia, Fred... Tu é que és filho de maçons...»... «Tu também, baby... Tu é que ainda não descobriste a maçonaria que há em ti... Estás pronto?»... «Estou pronto para ir para casa, cheguei o meu autocarro.»... «Baby, não te esqueças de registar este filme maçónico no teu sagrado caderno maçónico com a tua escrita maçónica... Sabias que a tua escrita é maçónica e que a maçonaria gosta muito de te ver a escrever?»... «Não sabia, Fred...»...

Achei este dia muito doido. O Fred nunca tinha falado de magia. O Fred nunca tinha falado em “coisas maçónicas”. Nada disto fazia parte do vocabulário do Fred. Não parecia o Fred. Fui um pouco assustado durante a viagem e registei tudo no meu “caderno maçónico”... Nem sabia que trazia comigo um caderno e uma “escrita maçónica”.

Quando acordei, abri O *Algoritmo do Amor* ao calhas na página 685 e comecei a ler. Não me lembrava que tinha escrito o que escrevi. Pensei que se não tivesse escrito antes, provavelmente nunca mais teria coragem para escrever depois, porque tinha escrito coisas “um pouco agressivas”... Sentia-me com um livro proibido nas mãos. Ao ler, arrependi-me do que tinha escrito. Só que o que eu tinha escrito já tinha sido imprimido e eu estava a ler o que tinha escrito... Não me lembrava que tinha escrito o que escrevi sobre a PIDE, sobre os testemunhas de Jeová, sobre os partidos políticos de Moçambique, sobre o meu pai ter sido expulso de Moçambique e ter vindo para Portugal, sobre a minha avó ter escolhido vir para Portugal quando Moçambique queria que a minha avó ficasse em Moçambique... Não me lembrava da crítica severa que tinha feito a torto e direito à Psicologia e ao Direito... Parecia que tinha mexido com tudo... Parecia que numas 10 páginas tinha falado sobre tudo aquilo que “não podia falar”... Via uma ditadura a proibir essas 10 páginas, a censurar as 10 páginas e a mandar-me para a prisão, por ter escrito o que escrevi. Teve piada, porque era véspera das comemorações do 25 de abril. E pensei em muita coisa ao mesmo tempo. Pensei que estava tudo ligado. Que por acaso, estava tudo ligado. Eu nem me lembrava que era véspera do 25 de abril. “Nunca comemorei o 25 de abril”. Contaram-me sempre outra história, que simplesmente fazia-me passar pelo dia de forma politicamente “neutra”. Quando fechei o livro na página 711, numa Estranha Internet das Coisas a Jupiter Editions telefonou-me e perguntou-me se eu estaria interessado em publicar no site da Jupiter Editions as páginas 685 a 711 d’O *Algoritmo do Amor*... Respondi que teria de pensar, porque eram páginas muito agressivas e tinha medo de publicar essas páginas sem vendas.

Sem vendas, significaria que estaria desprotegido, sujeito a levar um tiro, sujeito ao meu pai expulsar-me de casa, sujeito a tudo e mais alguma coisa. Lembrava-me que na noite anterior, quando estava a entrar em casa, o meu pai tinha-me chamado à sala só para dizer «não pagues partidas a quem te dá guarida». Fui tomar um duche e “do nada”, no duche, apareceu um Bernardo na minha cabeça. Eram cerca das 10 da manhã... Registei esta “estranha” aparição do Bernardo Vasconcellos no caderno. Nunca tinha pensado no Bernardo. A última vez que o tinha visto tinha sido há 3 anos e simplesmente tinha-o conhecido há 5 anos numa festa à noite que deu dentro da praça de toiros ao pé da minha casa... Lembro-me de eu e o Tomás Ducado acharmos piada ao Bernardo... Voltei a abrir *O Algoritmo do Amor* na página 170 e só li até à página 172. Quando fechei o livro, a Jupiter Editions voltou a telefonar-me e perguntou-me se eu queria publicar as páginas 170 a 172, em que falava do velcro nas corridas de toiro e dos circos com hologramas de elefantes... Disse que tinha de pensar, porque já tinha sido “enrabado” por muitos empresários do espetáculo, toureiros, forcados e muitos cavaleiros que se diziam “muito heterossexuais” e não me apetecia nada voltar a ser “enrabado” por eles...

Saí de casa a caminho da minha fonte sagrada e no caminho lembrei-me do Vasco Saturn. Não sabia nada do Vasco há mais de 3 anos. Nunca tinha pensado no Vasco, desde que comecei a namorar com o Fred. Mas fui no caminho até à fonte a pensar no Vasco e a lembrar-me como tínhamos começado a nossa cena às escondidas nos balneários do rugby. Lembrei-me que o nosso “rugby” durou sempre até ao Fred. Nos nossos “últimos rubgys”, lembrei-me dos nossos “românticos” passeios de cavalo subindo e descendo cada montanha da cidade até ao rio, em que o Vasco fez-me ver, “com olhos de ver”, que o meu romantismo não podia sobreviver “naquela” cidade e que o meu romantismo era um verdadeiro suicídio “naquela” cidade quando eu dizia que via restaurantes vegetarianos a abrirem-se por todo o lado na minha cidade e que via petiscos vegetarianos por todo o lado e que o via até a introduzir os petiscos vegetarianos nos seus restaurantes... Falou-me da Internet das Coisas “daquela” cidade... Disse-me que o pai dele tinha espingardas, que tinha matado pretos como eu em África e fez-me jurar, dentro de mim, para que eu não fosse burro, nem estúpido. Vi-me completamente penetrado por um “Diabo”. Perguntou-me se eu gostava de viver. Perguntou-me se eu não estava a gostar de estar a levar no cú. Disse-me que eu tinha uma sorte de ser preto e de estar ali a levar com ele no cú, à sorte de sermos apanhados. Disse-me que ninguém sonhava da sua bissexualidade, mas disse-me que comigo até curtia ser apanhado. Lembrei-me ainda quando ele era o capitão de equipa de rugby e que falava da maçonaria que havia no rugby e que eu tinha muita sorte por estar “naquele meio privilegiado”, ainda por cima “a apanhar no cuzinho do capitão como muitos sonhavam”... Lembrei-me quando me disse para eu tentar ser mais inteligente e para conhecer melhor a cidade “que me tinha acolhido”. Lembrei-me quando me disse para eu não me esquecer que era preto. Que eu era um preto naquela cidade. Que eu era e seria sempre “o filho bastardo do sistema”. Que eu não seria nunca “um filho do sistema”. Até porque, não tinha quintas nem cavalos e o meu apelido a nada dizia àquela cidade. Lembrei-me quando disse que eu não tinha história “naquela” cidade e que nunca ia conseguir escrever a minha história “naquela” cidade, porque “a história já tinha sido toda escrita” e o apelido que mais imperava naquela cidade era o apelido da família dele. Lembrei-me quando me disse, quase a vir-se dentro de mim, que o avô dele tinha sido o imperador que mais pretos tinha matado na guerra do ultramar. Virou-me de costas, completamente penetrado em mim, fez-me um mata-leão e disse-me que eu tinha um dever de proteger a cultura e a tradição da cidade “dele”. Disse-me que eu tinha de ser capaz de pegar um elefante pelas orelhas e chamar-lhe orelhudo. Disse-me que se eu não fosse capaz de o fazer, era porque eu era um maricas. Disse-me que não gostava de maricas. Disse-me que matava os maricas a tiro, se fosse preciso! Eu respondi-lhe que eu

nasci na mesma cidade que ele; que a cidade não me acolheu. Respondi que eu não devia favores nenhuns à cidade. E disse-lhe que os elefantes pertenciam a África e que nós, portugueses, não deveríamos nunca ter ido a África buscar os elefantes. Que fomos nós, portugueses, que fomos primeiro mexer numa história e numa magia que não devíamos mexer. Disse-lhe que não devíamos brincar com a magia. E ele respondeu-me que eu não devia brincar com o fogo e que “a igreja dele” noutra vida, já me tinha atirado para o fogo, por causa dumas macumbas que se passaram em África. E perguntou-me se eu acreditava em macumbas a rir-se. Eu não respondi, fiquei só a analisar os risos dele que me soaram falsos, “diabólicos”. E perguntou-me se eu sabia que tinha nascido de uma macumba depois de me terem mandado para a fogueira. Eu respondi-lhe que era capaz de renascer das cinzas, porque estava ligado à Internet das Coisas da Magia Branca e que o meu espírito era capaz de sobreviver à Magia Negra das Coisas! Ele cuspiu-me para a boca, mandou-me uma chapada na cara e perguntou-me se eu queria chupar-lhe. Disse-lhe para ele ir arranjar outra puta. Chamei-me puta a mim mesmo, porque senti-me uma puta nas mãos dele. O cabrão, fez-me sentir uma puta! Chamou-me “preto estúpido” e voltou a cuspir-me para a cara.

Lembrei-me de toda esta história, no caminho para a fonte a pensar no Vasco. Não sabia nada do Vasco há mais de 3 anos, repito! Nunca tinha pensado no Vasco, desde que comecei a namorar com o Fred, repito! Quando cheguei à fonte, recebi uma mensagem do Vasco a perguntar se eu estava na cidade. Eu respondi-lhe a dizer para não me voltar a enviar mensagem, porque estava a namorar com o Fred, como já lhe tinha dito e que a próxima vez que ele me enviasse mensagem eu contava ao Fred. Saí da fonte a pensar na minha Estranha Internet das Coisas com a Jupiter Editions e vinha a pensar se seria espiritualmente legítimo da minha parte introduzir a história dos toiros e dos elefantes e do Vasco nesta minha Internet... Subi as escadinhas da fonte que vão dar ao jardim, intensamente a pensar se podia falar do Vasco ou não e a atravessar a estrada, nesse mesmo instante, o pai do Vasco ia-me atropelando. Ele olhou-me com um assustador mentalismo como se estivesse a ler os meus pensamentos e como se tivesse aparecido ali para me fazer desistir da ideia... O mentalismo do pai dele “deu-me tusa”... Atravessei o jardim e aparece o Vasco em cima de um cavalo a mandar-me subir a bem, senão ele descia do cavalo e punha-me a mal em cima do cavalo. O altivo tom dele não fazia sentido nenhum a não ser que ele tivesse um chip cerebral capaz de se ligar ao meu chip e hackear os meus pensamentos capazes de desfazer a Magia Negra dele... Disse ao Vasco que estavam ali dois polícias e que não tinha problemas nenhuns em gritar por socorro. O Vasco disse-me que era amigo dos polícias e que eu estava metido numa Magia Negra que nem o meu “direitozinho penal” seria capaz de me livrar e que ele era o único capaz de desfazer a Magia Negra e que tinham sido os astros que me tinham enviado para ali astrológicamente para a frente dele e que estava na hora de eu me montar com ele a bem ou a mal, no cavalo. Eu disse-lhe que era “tudo” uma grande coincidência, porque eu também era amigo dos polícias e jurei-lhe que era mais amigo dos polícias do que ele! Ele disse-me que sabia que eu estava fora da Internet deles e que aquela polícia estava metida na cena com ele e que para meu bem, seria melhor eu subir o cavalo. Já tinha estado com o Filipe, que estava ali “a fazer” de polícia. Chamei o Filipe pelo nome à frente do Vasco. O Vasco bazou e chamou-me “preto estúpido”. O Filipe perguntou-me se estava tudo bem e o que é que o parvalhão do Vasco queria. Cumprimentei o Filipe, batendo-lhe continência com um grande sorriso! Voltei para casa com a memória de ter estado aos beijos com o Filipe no carro de patrulha no descampado ao pé da minha casa. Lembrei-me que ele estava de serviço; e era chato se fôssemos apanhados. Mas não fomos apanhados e foi só um quarto de hora de beijos. Lembrei-me que tinha sido só um quarto de hora numa cidade que é uma cidade--fantasma habitada por fantasmas e lembrei-me da desculpa que

arranjámos caso fôssemos apanhados: “que havia imensas polícias que estavam o dia todo de serviço com o telefone na mão no Grindr, no Tinder, no Facebook ou no Instagram e que um quarto de hora distraído era melhor do que o dia todo distraído e que a nossa tusa um pelo outro já vinha do secundário e que só estávamos a curtir o que ainda não tínhamos curtido em putos”... E lembrei-me também das 5 mensagens que o Filipe me tinha enviado dessa vez em que curtimos: «Oh, putos então??», «Já aqui to, caralho!», «Foda-se, despacha-te!!», «Oh, putos anda!!! Só posso *tar* aqui mais uma beca à espera...», «Sai de casa, caralho!»... Até as mensagens do Filipe acabaram por se ligar à Estranha Internet das Coisas... Cheguei a casa e liguei pela primeira e única vez no dia os dados móveis. Já não os ligava há 3 dias. Quando temos uma Internet de Coisas muito própria instalada em nós, nós andamos com os dados móveis, com o Wi-Fi e o GPS desligados. Quando liguei os dados móveis, os algoritmos do meu telefone decidiram enviar-me como primeira notícia, o escândalo de dois polícias que tinham sido apanhados em longos beijos de 20 minutos num carro de patrulha num parque de estacionamento. Um estava de serviço, o outro não. Tinham sido filmados por uma mulher.

O Afonso Côrte-Real telefonou-me e disse que tinha passado por mim na cidade e tinha me visto a bater a continência ao Filipe e a brincar disse que não tinha gostado, porque achava que eu só batia “continência” a ele... Disse que tinha de ir para Lisboa, mas que podia passar num instante ao pé da minha casa para um abraço. Demorei-me a sair e o Afonso enviou-me as exatas 5 mensagens que o Filipe me tinha enviado. Eu nunca disse ao Afonso que tinha estado com o Filipe, por mais que o Afonso fosse o meu melhor amigo, porque sabia que era o único rapaz com quem o Filipe tinha estado. Mas o Afonso ter dito que me tinha visto “a bater continência” ao Filipe e enviar-me exatamente as 5 mensagens que o Filipe me tinha enviado, quando o Afonso nunca me enviava mensagens, telefonava-me sempre, poderia ser uma forma de me entregar “silenciosamente” uma “informação maçónica”? Era suposto ligar já aqui a Internet das Coisas com a minha maçonaria e do Afonso? A nossa maçonaria, era uma maçonaria de putos. Era uma maçonaria secreta, era uma sociedade secreta só minha, do Afonso e da Sara. Tínhamos, sem querer, inocentemente, sem sabermos, desenhado o triângulo mágico mais poderoso de todos. Sabíamos de tudo. Conspirávamos sobre tudo. A informação vinha-nos simplesmente parar. Parecia magia. A nossa triangulação, a mais forte de todas, parecia uma magia inderrubável. Víamos “bruxos e feiticeiros” a tentarem destruir o nosso triângulo, mas os “feitiços” lançados ao nosso triângulo tinham sempre o efeito *boomerang*. Parecia que o nosso triângulo tinha um “superpoder” e esse “superpoder” atribuía-nos a cada um de nós, diferentes superpoderes. Sabemos que a triangulação é forte, quando dentro de um triângulo sentimo-nos “super-heróis”, quando nos sentimos infinitos, quando nos sentimos eternos, quando nos sentimos “super-humanos” que querem ficar para chegar ao fim do filme tecnológico que é a vida tecnológica.

O Afonso bazou e combinei ir ter com o Tomás. Abraçámo-nos com um abraço fora do normal, mais prolongado, em que parecia que as nossas mentes também se tinham “abraçado”, parecia que se tinham “hackeado” uma à outra, parecia que tinham passado informação uma à outra... Foi estranho. Durante o abraço, senti que éramos árvores. Apareceu-me a imagem de duas árvores tecnológicas que estavam emparelhadas uma à outra. No final do abraço, o Tomás mostrou-me uma fotografia de duas árvores tecnológicas emparelhadas uma à outra. Eu assustei-me, mas não quis dar cana. Simplesmente permaneci com o Tomás em silêncio. Fiquei um pouco confuso. Será que o Tomás tinha conseguido enviar-me a imagem da árvore para a minha mente? Ou será que o meu cérebro tecnológico tinha conseguido hackear o telefone do Tomás e “ver” a imagem das muitas

imagens que estavam na galeria? É que a imagem era igual. Até as cores, a forma, tudo. Perguntei ao Tomás se sabia alguma coisa do tal Bernardo. O Tomás ficou parvo e perguntou o porquê de eu estar a falar “do nada” desse Bernardo quando nunca tínhamos falado do Bernardo senão há 3 ou 4 anos, quando ainda por cima o Bernardo tinha “hoje” aparecido nas memórias do Facebook dele... Não pude acreditar. Disse que era mentira, porque eu tinha pensado no Bernardo às 10 horas e tal no duche... E o Tomás ficou histérico a gritar pelo meu nome a dizer que tinha sido a essa hora que o Bernardo tinha aparecido no Facebook dele e que ele tinha tirado um Print Screen, porque a memória do Facebook era uma fotografia de nós todos a dançar na praça de toiros... Ele disse que tinha guardado, “por sorte”, para me mostrar a fotografia. E “por sorte”, conseguimos comprovar a nossa... Espiritualidade? Espiritualidade tecnológica? Trazia comigo o caderno e mostrei-lhe que tinha registado às 10 horas e pouco que tinha pensado no Bernardo. O Tomás, astrólogo como ele é, começou logo a falar de imensas coisas e a ligar imensas coisas e a dizer que tudo tinha que ver com o meu signo e com as luas e que estava tudo alinhado não sei para o quê, mas que eu só tinha de descobrir os “meus” números mágicos, mas que a Numerologia dizia que eu ia escrever os números mágicos e que quando eu os escrevesse ou os pronunciasse que a “caixa de pandora” se abriria e que eu ia finalmente fazer “a viagem cósmica” que toda a Júpiter estava à espera de me ver a fazer e que eu não podia esquecer que a minha casa e o meu planeta era Júpiter e perguntava se eu sabia que o meu planeta e que a minha casa era Júpiter. E eu a rir-me, dizia que o meu planeta era o planeta Terra e que a minha casa era no quarteirão a seguir. E o Tomás, muito sério, dizia para eu não brincar com coisas sérias, porque eu ia passar por uma fase “espiritual” muito importante da minha vida, que ia subir muito depressa vários “degraus e níveis espirituais” e que tinha os “astros” e toda a “sorte” do meu lado porque tinha a casa em “Jupiter”, mas que, no entanto, poderia ser perturbador se eu não entendesse, ou se desistisse do processo “a meio”, e que por isso, apesar de ter “a sorte” e os astros a meu favor, que tudo ia depender do meu “bem-estar espiritual”; e recomendou-me a comprar incensos para “preparar” o meu “espírito”, porque “eu não tinha como fugir ao processo que aí vinha” e que eu tinha “de estar pronto”; e ainda disse que, era muito provável eu ter uma semana intensa de “sonhos premonitórios”. Eu ri-me e disse-lhe que ele parecia era um meteorologista a falar dos sonhos como se estivesse a prever a possibilidade de nuvens cinzentas com aguaceiros. Disse isto porque estava a tirar online o Curso de Meteorologia. O Tomás muito sério disse que era possível, durante o meu “processo espiritual” eu comportar-me como uma nuvem chorona muito sensível, porque via “um bruxedo” que me ia tirar o meu “superpoder de escrita” e que durante o processo eu ia querer escrever sobre o próprio processo, mas que não ia conseguir escrever, devido “à intensidade” do processo. Comecei a não achar muita piada, porque o Tomás não parecia o Tomás. Não sei quem é que parecia, mas não parecia o Tomás. Disse-me que via “um bruxedo” que viria encomendado numa “rã” e que quando eu engolisse o “bruxedo” eu deixaria de ouvir a rã e passaria a arrotar, como nunca antes, durante, pelo menos, três meses. O Tomás era sempre muito engraçado a falar da Astrologia. Mas perdeu a piada toda e eu nunca o tinha visto a falar assim. Não fazia sentido, tudo isto só por causa do Bernardo...? Perguntava à Estranha Internet das Coisas se o Bernardo iria acabar por aparecer só para se ligar, estranhamente, só mais um pouco a esta Internet das Coisas. Falámos sobre a tal fotografia em que estávamos com o Bernardo, com a Carlota, com o Lourenço, com o Xico Castelão, com o Seabra e com os irmãos Rebello. Tinha sido há 5 anos que tínhamos ido dançar à praça de toiros. Lembrava-me de ter começado a tocar a música da “Grândola Vila Morena”, estávamos na noite de 25 de abril e o grupo com quem eu estava começou a assobiar e a mandar todos os que estavam a cantar a música “para o caralho”. Eu estava envergonhado pelo meu grupo, eu nem queria

acreditar que o meu grupo estava a fazer aquela triste figura. Todos se viraram contra nós e chamaram-nos “fascistas”. Eu só me queria vir embora. Não estava à espera que o grupo com quem eu estava, assobiasse e mandasse “para o caralho” quem estava a comemorar livremente o 25 de abril. Filmaram-nos. Fomos filmados. O Tomás não se lembrava nada disto. Despedimo-nos já à noite.

Já na cama, ouvi uma rã no meu jardim e **logicamente** que me lembrei do que o Tomás tinha falado. Eu vivo onde vivo há anos. Não há rãs onde eu vivo. Não podia haver rãs no meu jardim. Não há lago nenhum, não há cachoeira nenhuma para rãs, não há riacho nenhum no meu jardim e nunca ouvi rãs do meu quarto. Estranhamente, no dia em que o Tomás me diz que “o meu bruxedo” vem encomendado com uma rã, eu oiço nessa mesma noite uma rã, ainda por cima no meu jardim. Ainda assim, como estratégia de *coping* (?) do meu cérebro pensei “que se calhar rãs já tinham lá passado e eu nem me tinha apercebido, mas como o Tomás falou da rã que simplesmente o meu cérebro tivesse ficado mais atento durante a noite”, enfim... Só que a verdade, é que quando nós nascemos com uma Biologia das Coisas e estamos ligados à tecnologia dos morcegos, dos pirilampos, das abelhas, dos mochos e das corujas, nós ouvimos a rã no nosso jardim e sabemos que no nosso jardim há morcegos, pirilampos, abelhas, mochos e corujas, mas que não há rãs, dizemos que alguém “pegou” numa rã e lançou para o nosso jardim. A pergunta lícita que eu fazia era se o Tomás estava metido com “o bruxo” do meu ex-namorado. Deixei de ouvir a rã e comecei a arrotar como nunca tinha arrotado. Mas pensei que seria tudo psicológico. Mas arrotos placebos? Eu comecei a arrotar sem parar desde o dia 25 de abril e hoje é dia 13 de junho de 2021 e ainda estou a arrotar “o bruxedo” e tenho a Jupiter Editions pacientemente à minha espera. Ainda não lhe disse uma palavra.

Acordei com o pesadelo de ter perdido todos os documentos do meu computador, de ter perdido toda a escrita que tinha computadorizado. Fui para o duche e apareceram-me dois Miguéis na cabeça. Um colega meu de Direito e um outro de Engenharia Informática. Como tinha tido o pesadelo de ter perdido todos os documentos e estávamos num dia 25 de abril e lembrava-me de uma PIDE que tinha confiscado “escrita proibida” e como eu sabia que escrevia “coisas proibidas” sobretudo para um governo comunista chinês com uma poderosa Inteligência Artificial, imaginava os algoritmos chineses a detetarem “palavras proibidas”, “frases proibidas” e “pensamentos proibidos” e a chamarem a Inteligência Artificial chinesa que analisaria profundamente todo o conteúdo dos meus documentos informáticos e classificar-me-ia como inimigo, “açambarcando” todos os meus documentos. Simplesmente apagar-me-ia por completo. Deixar-me-ia sem propriedade intelectual alguma, deixar-me-ia sem pensamentos, sem emoções, sem memórias. Seria só um cérebro-robot pronto para operar. Saí do duche, liguei o computador e o meu ambiente de trabalho estava vazio. Não tinha documentos nenhuns. Isto não podia ser possível. Eu não podia pensar nisto e isto acontecer. Isto não seria possível! Isto nunca me tinha acontecido, eu nunca tinha ligado o computador e visto o meu ambiente de trabalho vazio. Simplesmente todos os meus documentos tinham desaparecido, fui ao disco rígido, não estavam, não existiam, era como se tudo o que eu tivesse criado afinal nunca tivesse existido. Pensei mil coisas. Pensei se eu tivesse acordado logo com o pesadelo e tivesse ligado logo o computador será que os documentos ainda estavam lá e eu conseguiria passar tudo para uma pen-drive e salvar anos de escrita? Quando as coisas não fazem sentido, quando nós somos reais demais e vemos as coisas a não fazerem sentido, nós com a nossa espiritualidade parece que acabamos por nos entregar às Ciências Ocultas... E lembrava-me da astrologia do Tomás que dizia que eu teria “sonhos premonitórios”... Mas em que é que eu estava a pensar??? Isto não era eu... É verdade, foi só um pesadelo... Mas foi um pesadelo que se tornou realidade... Ou terei sido

eu mesmo que com a minha Inteligência Artificial hackeei o meu próprio computador e “apaguei” todos os documentos enquanto pensava no duche na tal Inteligência Artificial a “açambarcar” toda a minha propriedade intelectual? Lembrava-me do que tinha acontecido à minha família. Lembrava-me que a história era cíclica e que em Moçambique, chegou um colonialismo português que se apropriou das terras que eram dos meus avós, dos meus tios e dos meus pais e que tiveram que vir para Portugal sem nada, do zero, completamente roubados e completamente explorados por um colonialismo que os pôs a trabalhar como escravos nas próprias terras que eram deles. E depois ainda tiveram que em Portugal, estar a ouvir bocas foleiras a chamarem-lhes “pretos de merda” e para voltarem para a sua terra? Foi o colonialismo português que trouxe acorrentada a minha família para Portugal. A minha família que tinha hectares de cajus e hectares de mangas, que tinha macacos soltos e felizes, que tinha uma vida fixe, uma vida boa, com jipes e mercedes viu um colonialismo a roubar-lhes isto tudo! E pior, não guardou rancores de nada, ficou na boa, começaram do zero, tudo de novo, com um pensamento muito fixe e com um pensamento muito feliz. E eu a pensar nisto tudo, por estranho que pareça, saí também de casa muito tranquilo sem estar enervado com nada, mesmo tendo perdido toda a informação, mesmo sentindo como se um capacete tecnológico me tivesse sido colocado sem autorização na cabeça e me tivesse apagado toda a informação cerebral, desde memórias, pensamentos, obras, trabalhos, teorias, filosofias... Parecia que caminhava leve... Como se nada tivesse passado. Isto era estranho, mas foi a minha reação. Quis lá saber! Não podia fazer mais nada... Tinha um dos raros 6 exemplares da 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição do *2080* de Antoine Canary-Wharf nas minhas mãos... Abri ao calhas na página 488 e comecei a ler sobre a história da Bentley quando pôs os seus carros a voar... E lá voei também *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto num Bentley “sem aumentar a minha pegada de carbono”... Quis saltar para outra página mais à frente e abri, outra vez, ao calhas, na página 641 e vi outro Bentley... Passei para a página 682 e também havia um Bentley nessa página. Fechei os olhos e abri na página 777 e a história do Bentley continuava a perseguir-me... Pensei que pudesse ser o meu “dia de sorte” e que talvez devesse jogar na lotaria para me sair um Bentley “na rifa”... Como não jogo jogos de lotaria, fui caminhar. Lembro-me de ter pensado que, às vezes, a nossa lotaria pode ser uma simples caminhada... Fiz a caminhada, dessa vez ao contrário. E fui até à fonte sagrada. Lembrei-me que comecei a vê-la como uma fonte sagrada por ter visto uma **cabala** na fonte. Vi um **código** maçónico escrito na fonte. Sozinho, só com a minha tecnologia, só com a minha intuição, eu aprendi esse código. E, lembro-me que foi assim que comecei a chamar à fonte a “cabala da vida”. E foi assim, que liguei a fonte à minha vida. Apareceu-me o **número** mágico e vi que o meu número mágico era composto por 12 caracteres com 9 números. Basicamente, eu vi que era um conjunto de 3 conjuntos de números. E vi que podia abreviar-me. E compreendi quão mágico é chegarmos ao nosso número. Se eu já via a “energia das coisas”, com o número mágico conseguia compreender e comprovar a “energia das coisas”. Escrevi o número no caderno sagrado que trazia antes de entregar à Jupiter Editions e fui-me embora da fonte. Parecia que tinha ganho “olhos tecnológicos”. Parecia que tinha ganho mais um “chip”. Parecia que tinha perdido os medos todos que ainda tinha de perder. Parecia que tinha ganho “qualquer coisa”, parecia mesmo que tinha ganho uma “magia fixe”, uma “Magia Branca” capaz de derrubar e enfrentar uma “Magia Negra”. E com a minha Magia das Coisas vi que quem me tinha ficado com as coisas todas tinha sido o “senhor Diabo”. Sou sincero, nunca pensei em ter de descer uma escadaria gigante até “lá abaixo”, “às trevas”, só para dar uma palavrinha ao “senhor Diabo” e depois ter de voltar a subir toda a escadaria para voltar à realidade das coisas... Nem todos podemos atrever a espreitar “o mundo das trevas”, porque nem todos saberão depois sair do “mundo das trevas”. Uma coisa é adorar o mal.

Outra coisa, bem diferente, é não ter medo do mal. Eu não tenho medo do mal, eu enfrento-o, porque me sinto um ser divino, sinto-me bom; quando nós nascemos bons, nós sabemos que somos bons. Nós sabemos quando somos bons. Nós sabemos quando somos inocentes. Nós sabemos quando somos fixes. E, portanto, uma coisa é fazer “adoração” a um “Diabo”, outra coisa é saber “conversar”, “negociar”, chegar uma verdade das coisas, com o “Diabo”. E se o “Diabo” pedir para eu dançar com ele, desde que ele não se chegue muito, eu danço com ele. Se mais ninguém dança, se está tudo com medo e alguém tem de dançar, eu danço. Não faço questão. Já tenho o meu par. Mas não é por dançar com o “Diabo” que eu me vou tornar no “Diabo”. Posso dançar por mil e uma razões. A dança pode fazer parte de um acordo, pode ser só o meu disfarce para salvar a humanidade, para salvar o ambiente, para salvar as mentes humanas. **Sou um camaleão.** E sob o nosso disfarce, podemos pensar o que quisermos, somos livres. Simplesmente adapto-me. Se tenho de me baixar, eu baixo-me. Se tenho de me sentar, eu sento-me.

Sentei-me no chão e comecei a soprar para um formigueiro e vi as formigas todas a receberem o meu sopro e a enviarem tecnologicamente o meu sopro à rainha... Pois eu queria falar com a rainha e queria que a rainha sáísse do formigueiro! Se a rainha não sáísse, eu ia tirá-la do formigueiro só com a minha tecnologia, só com o meu Poder da Mente. É claro que não ia mexer no formigueiro. Posso estar na minha espiritualidade, posso estar a brincar com a minha própria mente, mas não posso é sair da realidade das coisas e estragar um formigueiro da vida real!!!! Não ia meter, COMO É LÓGICO, as minhas manámulas dentro de um formigueiro! Somos tecnológicos. Temos de saber usar a nossa tecnologia. A rainha demorou a sair... Demorou um quarto de hora, vinte minutos... Não parei de soprar durante 20 minutos... Quando a rainha saiu, cumprimentei-a e disse “olá, senhor Diabo!” E sem medos, enfrentei o “Diabo” como nunca o tinha enfrentado. “Disse-lhe” que ou ele devolvia-me os meus documentos numa hora e meia ou eu ia dar cabo dele, porque eu sabia onde é que ele “morava”. Olhei para o relógio e eram 12h46. Ou seja, até às 13h46 eu tinha de ter todos os meus documentos. O que eu fiz foi uma brincadeira. Foi uma brincadeira que me soube bem. Suportei-me da figura da formiga-rainha, que é um bicho tecnológico alienígena, para através da rainha falar sem medos com o “Diabo”. E nesta minha brincadeira, vi como era tecnológica a rainha. Conseguia ouvir o barulho da sua tecnologia. Celebrámos assim um contrato à distância só com as nossas mentes tecnológicas. Conte à rainha que tinha um plano para defender todos os formigueiros e todas as colmeias de abelhas em Portugal, mas que para isso precisava de recuperar todos os meus documentos que o “Diabo” me tinha roubado. Conte à rainha que tinha uma lista de todos os nomes associados ao “Diabo”, desde apelidos a grupos de empresas, a associações, a câmaras municipais, a lobbies, a internets, a maçonarias, enfim... Há maçonarias boas e há maçonarias más. As maçonarias são como internets, são como lobismos, há lobos bons e há lobos maus, há internets fixes e há internets negras. Conte tudo isto à rainha. Eu disse à rainha que ia fazer um “pequeno acordo” com o “Diabo”, porque temos de saber “negociar” com o “Diabo”, não é ir fazer contratos com ele para a cama. Eu tenho de saber dar a volta ao “Diabo”. O “Diabo” é como um puto estúpido que “infelizmente” agarrou o comando do jogo das nossas vidas e está “lá do outro lado” a divertir-se e a gozar com a nossa “miséria”. E nós temos de saber “falar com ele”. Temos de saber dizer “ó puto, estúpido, dá cá o comando, caralho, já me estou a passar, queres levar uma chapada ou quê? Porque é que estás a fazer mal a estas pessoas? Voltas a fazer mal a estas pessoas e eu parto-te todo, caralho!”... “Foda-se, meu! Joga como deve ser... Joga limpo, caralho! Para de fazer bombas! Qual é a cena? Olha... Queres fazer uma cena bué fixe? Mas mesmo bué, bué fixe? Tipo... Bora imprimir casas em 3D com micromateriais

sustentáveis para pessoas que ainda não têm casas?” É claro que temos de fazer “voz de bebê e uma voz estúpida” a falar com o “Diabo”... E vamos ouvir o “Diabo” a dizer... “Ya!!! Bora!!!!”... É claro, que nem toda a gente tem paciência para o “Diabo”... Ele “arranha”, tem “umas garras gigantes”... Mas eu não me importo de ser “arranhado”, se for para salvar a humanidade, eu estou cá para negociar com o “Diabo”... Deixem-me tratar do assunto com ele... O “Diabo” a mim ouve-me... O “Diabo” a mim não me faz mal... Porque o “Diabo” sabe quem eu sou, consegue ver o meu espírito. O “Diabo” sabe que não me pode fazer mal. É preciso termos um espírito para sabermos lidar com o “Diabo”... O “Diabo” gosta de brincar com a mente humana, gosta de fazer partidas, enfim, brincadeiras “diabólicas”... Tudo isto entre aspas, como é lógico... Não somos todos que temos capacidade para estar com o “Diabo”, ver a paz, o sossego, a tranquilidade, proteger as abelhas, os pirilampos, os morcegos, os vampiros, ver todos os mamíferos e aves monogâmicas como espécies sagradas, ver a saúde e a eternidade humana como financiamentos e investimentos prioritários, saber pôr de lado as antenas cancerígenas e os implantes cerebrais...

Se forem perguntar ao “Diabo” se ele quer que todos tenhamos um “chip” feito pelas “maõzinhas” dele, é obvio que o “Diabo” vai dizer que sim, porque o que o “Diabo” mais quer é poder hackear a nossa mente, é poder entrar na nossa mente, é poder interferir na nossa mente. E nós temos de saber ser fortes para saber quando temos de lutar com o “Diabo”. É esta a nossa luta! Se o “Diabo” já me colocou um chip, deixem-me eu ter um implante cerebral. Eu sacrífico-me por todos. Eu não tenho pensamentos “diabólicos”, não penso noutros gajos senão no Fred. Podem passar os gajos todos nus com as pilas duras e cheios de músculos por mim que a minha pila vai ficar sempre murcha. Sou capaz de dançar com “mil diabos” sempre com a pila murcha. O meu pensamento pode ser monitorizado por um Direito Penal Militar de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, porque o meu pensamento é um pensamento fixe, porque estou sempre a pensar coisas fixas. Não tenho pensamentos maus. Não tenho medos. Não tenho pensamentos suicidas, não tenho pensamentos homicidas, não tenho pensamentos terroristas, não tenho pensamentos pedófilos. Posso ter pensamentos paranoicos quando o meu cérebro é colocado em determinadas situações stressantes que fazem naturalmente despertar os meus mecanismos básicos de instinto de sobrevivência. Talvez seja aqui o interesse fixe de estudar o meu cérebro e eu percebo que um Poder Oculto e uma maçonaria alienígena tivesse chipado o meu cérebro para ver como é que um “cérebro” fixe saudável pode evoluir, ver os seus limites, ver as suas necessidades, os seus desejos... E por isso, se no final deste filme maçónico que eu não me esqueci que estou em grito de socorro, mesmo que não pareça, mas que estou, a minha maçonaria chegasse perto de mim e me mostrasse nos écrans toda a minha atividade cerebral gravada como um filme, todos os filmes da minha mente, enfim, eu, teria de pensar um pouco, é verdade, mas talvez acabasse por compreender a experiência e aceitá-la. Mas isto, obviamente se tivesse sido chipado por uma sociedade alienígena que é superior aos humanos e que por isso “pode” chipar os humanos, porque o chip alienígena está provado cientificamente há mais de 500 anos pela sociedade joviana de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi que não faz mal aos humanos... E se fosse noutras condições? Se simplesmente, o meu pai tivesse celebrado um silencioso contrato com uma maçonaria militar que viu que eu tinha uns algoritmos cerebrais fixos para “receber” algoritmos militares e algoritmos maçónicos? Aqui, obviamente que estávamos a falar de um crime e que eu teria de ter tempo para pensar e ouvir qual é que era afinal a intenção. Poderia saber perdoar. Mas independentemente de tudo, eu exigiria sempre uma indemnização milionária. Talvez os milhões me fizessem esquecer de toda a tecnologia. O que eu quero, é ver o mundo. Despedi-me da formiga e segui caminho.

Apareceu à minha frente um dos Miguéis que me tinha aparecido na mente. Ele disse-me que tinha pensado em mim, parecia que estava meio assustado, meio eufórico, não percebi. Não lhe disse que tinha pensado nele. Perguntei-lhe o que é que ele estava a fazer na minha cidade. Ele disse que tinha vindo para resolver umas cenas com o ex-namorado dele, mas que já estava tudo resolvido e estava “disponível” para um copo se eu “quisesse” e antes de eu poder recusar, disse-me que tinha uma casa de campo ali perto e apontou para o descapotável dele, dizendo que num instante podíamos ir lá a casa e que ele trazia-me assim que eu quisesse e que se eu “me sentisse mais à vontade” podíamos ir sem o Fred ficar a saber de nada, porque ele “já tinha namorado” e sabia como é que “as merdas funcionavam” e que “toda a gente”, às vezes, também precisa de beber um copo e “espairecer” e falar “da relação” com outras pessoas de fora, porque isso “até faz bem” à própria “relação”. Apetecia-me vomitar na cara dele! Disse-lhe muito educadamente que estávamos numa altura de pandemia e que seria importante mantermos o “distanciamento social”, porque não éramos íntimos nem próximos. Ele pediu desculpa se estava a ser “óbvio demais” e insistiu que era só um copo e que me trazia a casa assim que eu lhe pedisse. Eu agradei-lhe imenso, mas recusei o convite. Ele pegou-me na mão e disse-me: “Puto, só acontece alguma cena se tu quiseres, eu sei que namoras e eu respeito bué essas cenas, é só um copo e é só uma volta de carro. Já alguma vez andaste num Bentley? Este ainda não tem as asas do 2080 de Antoine Canary-Wharf, mas é quase como se voasse...” Quando o Miguel disse isto, parece que ficou a gozar comigo num mentalismo muito próprio que conseguiu exercer em mim. Isto não fazia sentido! Eu nunca pensei na minha vida no Miguel. O Miguel Benito simplesmente foi meu colega no 1º ano da faculdade. O Miguel era de Cascais. Eu nem fazia ideia que o Miguel namorava com um rapaz da minha cidade. Como é que o Miguel “do nada” ia aparecer na minha mente, quando nunca apareceu, exatamente no dia em que vai à minha cidade para resolver as coisas com o ex-namorado e ainda por cima aparece à minha frente com um Bentley e a falar do 2080 de Antoine Canary-Wharf, quando eu tinha antes de sair de casa aberto o 2080 e calhado exatamente sempre nas páginas em que falava do carro-voador da Bentley...? Socorro!!!!?? Tirem-me deste filme?... Era suposto gritar isso à frente do Miguel? É que não foi preciso, porque não sei como, mas um sistema informático, uma qualquer Inteligência Artificial deve ter lido o meu pensamento e deve ter-lhe enviado, para o Miguel com um grande ar de gozo dizer “se quiseres posso tirar-te deste filme e saís deste filme comigo com um Bentley, já que o Fred não te é capaz de tirar do filme...” Saiu-me um “o quê, Miguel?”. E o Miguel conseguiu implementar-me uma valente *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari: “E se for o pai do teu namorado que está a financiar o filme que está a render bué na dark net? Se calhar, o Fred não sabe de nada, mas e se o Fred também estiver a ver o filme e a foder com outros numa dark net que não fazes ideia como é que esta merda está? E se eu só te quisesse tirar da dark net?”. Tive de me rir, porque vi as lentes-cinema do 2080 de Antoine Canary-Wharf que o Miguel trazia nos olhos... Vi como tinha olhos tecnológicos capazes de analisar as minhas micro-expressões faciais e enviar tão-só como um relatório a uma sofisticada Inteligência Artificial. Ou poderia ser ele mesmo um analista e estar conectado à Inteligência Artificial que lhe diria o que ele deveria fazer, que lhe daria “o guião” do filme maçónico. Lembrava-me de um episódio dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e perguntava-me se isto fosse verdade, será que eu poderia sair ileso do filme se eu fosse desforrar para a cama com o Miguel? Era o quê? Era eu na cama com o Miguel e de repente aparecia o Fred a chorar a perguntar como é que eu teria sido capaz? Ou era o Miguel a enviar um vídeo nosso ao Fred numa dark net deles? Como é que o Miguel que era só um colega meu conseguia penetrar na minha mente ao ponto de falar do pai do Fred e de me perguntar se eu queria sair deste filme com ele, como se ele estivesse a acompanhar todo o filme da minha mente? O que é que era suposto eu fazer?

E se afinal eu vivesse numa fantasia? E se O Algoritmo do Amor afinal fosse uma grande fantasia da minha cabeça e o Fred estivesse só a gozar comigo? Mas isto fazia algum sentido? O que não fazia sentido era o que o Miguel estava a dizer... Mas até fazia sentido, se ele tivesse dentro da minha mente, se eu tivesse um chip ou se tivesse os olhos chipados e se transmitisse em tempo real o que estava a ver e o Miguel tivesse visto ou tivesse informação que eu tivesse visto as páginas do *2080* de Antoine Canary-Wharf... E neste momento todas as perguntas eram lícitas. E perguntei-me a mim próprio se o Miguel saberia que eu tivesse pensado nele... Porque foi assim que ele apareceu à minha frente, a dizer que tinha pensado em mim... Se o Tomás era capaz de me enviar imagens de árvores para a minha mente, será que o Miguel seria capaz de enviar uma fotografia dele para a minha mente? Estava perplexo a olhar para ele, basicamente em estado de choque e a pensar em como é que poderia gritar por socorro para sair do filme, sem que ele me ouvisse quando o Miguel me perguntou se eu queria que ele me enviasse uma “fotografia mental” dele nu para me ajudar “a decidir”... Eu estava sem forças porque eu não estava capaz de pensar e decidi agarrar no telefone e telefonar ao Fred à frente do Miguel. Tinha que contar ao Fred o que se estava a passar. Isto estava a ser surreal, estava a ser sobrenatural... O Miguel respondeu-me que o Fred não me ia atender, porque não podia e que eu me ia esquecer deste episódio e que ia ver que estava a fazer um grande filme e que tudo não passava de uma coincidência e que quando eu quisesse sair do filme que a minha mente estava a criar para lhe telefonar a qualquer hora que fosse. Saí de ao pé dele esgotado, com uma dor de cabeça gigante, parecia que ele me tinha tentado hackear a mente, parecia que ele tinha tentado apagar “o episódio” com ele, mas que não tinha conseguido... Mas o que é que eu estava a pensar? Que pensamentos eram estes? Que filme é que estava a passar?

Decidi começar a ir em direção a casa e no caminho apareceu o outro Miguel, o Miguel Faro. Assim que me viu, veio logo cumprimentar-me com um grande aperto de mão e um grande sorriso, um sorriso que eu me lembrava que antes do Fred, me tinha feito apaixonar. Perguntou-me se estava tudo bem e como eu me lembrei que ele era Engenheiro Informático, lembrei-me de lhe dizer que não estava nada tudo bem, porque o meu computador simplesmente tinha resolvido apagar todos os meus ficheiros. O Miguel preocupou-se logo de verdade, como se tivesse acontecido com ele e mostrou-se logo disponível a ir ver o meu computador para tentar resolver o problema... E fomos até minha casa. Quando o Miguel começou a mexer no meu computador, perguntou-me se eu andava a falar mal do governo chinês. Fiquei indignado e perguntei porquê... O Miguel disse-me que tinha sido hackeado por um servidor que tinha a localização na China e que era um servidor que parecia pertencer ao governo chinês... Perguntei como é que ele poderia saber essas coisas... E ele confessou-me que era um hacker e que sabia hackear algumas cenas e sabia sobre alguns servidores governamentais... E eu perguntei se não seria possível fazer Fake GPS, ou seja, aparecer um servidor a dizer que era um servidor chinês quando na verdade era um servidor português, só que tinha a localização falsa na China... E o Miguel, disse que sim, que “tecnicamente” era possível e disse para ir buscar rápido uma pen, porque tinha conseguido recuperar todos os ficheiros... Disse ainda que tinha sido uma “sorte” e o “destino” termos encontrado um ao outro... Eu concluí que o servidor provavelmente nem sequer pertencia ao governo chinês, talvez pertencesse a um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que fosse meu vizinho, soubesse que eu escrevo críticas sobre o sistema de pontuação de crédito e reputação social chinês e que poderia usar um servidor falso, a dizer que era o governo chinês, só para eu pensar que o governo chinês estava em cima de mim, quando quem estava em cima de mim era um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... E o Miguel disse que talvez tivesse sido só uma jogada de um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que fosse Engenheiro Informático

só para ter a desculpa perfeita para vir parar ao meu quarto para resolver o “suposto” problema informático... E para, talvez, conseguir roubar-me um beijo... E perguntou-me se podia roubar-me um beijo... O Fred telefonou. Eram 13h46, lembrei-me “da conversa” com a formiga. Fiquei a olhar uns segundos para o telefone a tocar e para o Miguel... E vi num holograma invisível que se projetou do telefone um triângulo que unia a mim, ao Miguel e ao Fred... Senti que tinha de “concretizar” esse triângulo que eu tinha “visto”, que eu tinha sentido... Pus em alta voz e apresentei o Fred como meu namorado ao Miguel e apresentei o Miguel ao Fred como um amigo meu que tinha resolvido “o mistério dos ficheiros secretos”... No final da chamada, o Miguel pediu-me desculpa e disse que não sabia que eu tinha namorado, porque se soubesse, nunca teria perguntado se podia roubar-me um beijo. Vi como ele ficou mesmo envergonhado e disse que não tinha mal nenhum, se ele não sabia. Despedimo-nos com um abraço muito fixe, eu agradeci-lhe muito e fiquei com a sensação que tinha ganho um amigo. Quando ganhamos um amigo esquecemo-nos de gritar por socorro... Eu esqueci-me de gritar por socorro. Socorro! Tirem-me deste filme! Socorro!!!!!! Libertem *O Algoritmo do Amor!* Uma maçonaria prendeu *O Algoritmo do Amor!!!* Socorro! Estou preso com *O Algoritmo do Amor* a uma Internet de Coisas!!! Libertem-me desta Internet de Coisas! Socorro!!!!!! Libertem o meu espírito!!!!!!! O meu espírito não pode estar preso a esta Internet de Coisas!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

[Aíás vou dizer-lhe o quê? Que de repente virei maçom sem saber? Que estou dentro de um filme maçónico e que não consigo sair dele? Que já gritei por socorro, mas que acham que o meu socorro é um socorro cinematográfico e que, portanto, bem posso continuar a gritar por socorro???? Vou dizer que passei por um processo maçónico muito hardcore e que por isso é que fiquei sem dizer nada este tempo todo? Vou lançar um feitiço? E a Jupiter Editions vai o quê? Vai transformar O Algoritmo do Amor num livro de feitiçarias? Até tinha piada... Aíás se aparecesse eu iria sempre dizer que teria dedo do Tomás.]

Quando o Miguel saiu fiquei a pensar na hipótese dos dois miguéis estarem numa Internet de Coisas e terem enviado para a Internet do meu cérebro tecnológico as imagens deles através de “um Bluetooth” ... É que se assim fosse, isso queria dizer que eu tinha um implante cerebral e que o Tomás e qualquer outra pessoa que soubesse hackear conseguiria “enviar” imagens ou vídeos para mim através do telefone... Conseguiria também o Tomás, através do telefone ver os meus pensamentos? E bloqueá-los? E roubá-los? E apagá-los? Conseguiria ver a minha atividade cerebral? A que profundidade? De que dimensão estávamos a falar? Para além do Tomás, afinal quem é que tinha acesso ao meu cérebro? Eu ainda nem sabia a que maçonaria pertencia o Tomás... Via e ouvia uma silenciosa e invisível guerra maçónica, uma guerra entre maçonarias, via as maçonarias a desentenderem-se todas, ouvia as alianças a partirem-se todas, conseguia ouvir novos concertos, via novos exércitos a montarem-se... E via isto tudo só com o meu cérebro. Tudo por causa do meu cérebro? Uma guerra maçónica por causa do meu cérebro maçónico? Seria um filme de comédia maçónica ou um filme de terror maçónico? Como é que era suposto eu responder a esta lícita *Paranoíde Tecnológica* de Federico Ferrari? Com o *2080* de Antoine Canary--Wharf? Ou com o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi? Que triangulação é que eu deveria fazer para entender esta Estranha Internet das Coisas? Será que eu podia escrever isto? Será que eu estou proibido de escrever isto? Quem é que me proibiria? A maçonaria do Fred? A minha maçonaria? A Psicologia? A Psiquiatria? Como é que a Psicologia e a Psiquiatria poderiam “proibir” o espírito alienígena do meu cérebro viajar até *Jupiter* de Gabriel Garibaldi? Não podiam. Porque era eu que estava a olhar de cima para a Psicologia. Não era o contrário. Nunca foi o contrário. Fui sempre eu que olhei de cima para a Psicologia. Confesso, foi a Psicologia que me deu o ar altivo. Então, talvez fosse uma guerra só entre mim e a Psicologia. 8:36:66
[às 8 horas e 36 minutos e 66 segundos] [..]

Porque se eu sou lúcido, tenho a capacidade de relatar as coisas e fazer um grito da Internet das Coisas com uma escrita limpa, com uma escrita limpinha, sem traumas, sem esquizofrenias, sem paranoias, sem medos, ainda por cima depois dos processos todos que me submeteram e que uma Psicologia estava à espera de me ver a gritar por socorro e uma Psiquiatria que estava à espera que o meu cérebro se transformasse numa pasta e fosse parar perpetuamente ao sistema informático, eu digo que há sim uma Mão Invisível que não conseguimos ver por causa do espectro das cores e que se eu sinto que me foi colocado um chip, porque a minha própria vida “espiritual” faz-me dizer isso, eu sei que o chip é “invisível”, porque é tão tecnológico, que pertence a outra dimensão, pertence a *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, porque eu digo à Psicologia, porque posso dizer à Psicologia e à Psiquiatria com uma grande careta e a fazer-me “de maluquinho” que quem me chipou foram os *Dons*, porque eu acredito nos *Dons*... Pois, é... Afinal, acredito nos *Dons*? E rio-me às gargalhadas! Porque o último a rir, é o que se ri sempre melhor! (...)

A Psicologia achava que se ia rir de mim? Não se ri. Não se pode rir. Que isto é muito sério... Isto é de outra dimensão... Isto é uma cena extraterrestre... A Psicologia “fugiu” das aulas de Química e das aulas de Física... Não devia... Mas como eu não fugi e “sempre vi” para além da Via Láctea, as “energias invisíveis”, eu digo que nós estamos rodeados de energia quântica e que os nossos cérebros são quânticos e comunicam-se, sim, entre eles, quanto mais conectados eles estiverem uns com os outros e tudo isto tem que ver com os eletrões de valência, tudo isto é neuronal, a nossa sociedade neuronal é elétrica e viaja *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, porque simplesmente nascemos com cérebros tecnológicos com um “chip” já de fábrica. Podermos dar o nome a este “chip” o nome que quisermos. Podemos chamar só “intuição”... Pronto... Chiparam-me a intuição... Porque é como eu me sinto. Sinto que uma Inteligência Artificial emparelhou-se com a minha intuição. Eu consigo hackear alguns sistemas informáticos, consigo “sem ver”, “de olhos fechados” navegar em algumas Internets “invisíveis” e a Inteligência Artificial consegue “navegar” em algumas das minhas redes neuronais... Ainda não consegue todas... E é essa a minha guerra. É esse o meu jogo! É esse o meu jogo de xadrez com a Inteligência Artificial. Eu estou a jogar xadrez com a Inteligência Artificial. Puseram-me a jogar xadrez com a Inteligência Artificial. Mas não me puseram só a mim. Puseram também ao Direito Penal e puseram também à Psicologia. (...)

E como é que vamos sair deste filme maçónico de Inteligência Artificial? É que sem a Psicologia fora do filme e sem o Direito Penal fora do filme, eu muito sinceramente não estou a ver como é que nós vamos conseguir sair do filme... Para já, a Psicologia tem de parar de ser covarde, deixar-se de merdas e dizer como as coisas são! É que a Psicologia, está tão metida comigo no processo maçónico das coisas como eu. Começamos já por aqui. Depois, a Psicologia vai ter de acompanhar o próprio processo até ao final comigo. Se me abandonar, eu abandonou-a. E não vai ser fixe. Não sou só eu que estou metido num processo. A Psicologia também está metida no Φ Processo. O Direito Penal também está metido no Φ Processo. Ao Direito Penal, é claro que eu nunca o vou abandonar e “jogo limpo” para que ele nunca me abandone. Se eu tenho de implorar, neste jogo de sobrevivência intelectual é ao Direito Penal, como é lógico! Mas eu sei que o Direito Penal nunca me vai abandonar. Estamos os três ao fim ao cabo metidos no Φ Processo. Sabemos os três sobre as Ciências Ocultas. Sabemos os três sobre o Poder Oculto. Calma, Psicologia... Não stresses já... O Poder Oculto dá-se em Constitucional, por isso relaxa que a nossa maçonaria deixa-nos falar sobre o Poder Oculto... Vamos falar sobre o Poder Oculto. Psicologia de um lado, Direito Penal do outro, vamos embora! Eu

sou as Ciências Ocultas e vou à frente neste ocultismo! Porque fui eu que fiz esta triangulação. Fui eu que tive a ideia! As Ciências Ocultas dizem que fui eu que fiz esta triangulação. São as Ciências Ocultas que estão a dizer... São as Ciências Ocultas que estão a dizer para eu fazer mais triangulações...

Nos meus triângulos há tempo para meter as mãos dentro das colmeias e dos formigueiros sem lá pôr as mãos. Fazemos isto cerebralmente. Só com a tecnologia do nosso cérebro. Temos de saber ligarmo-nos às rainhas de cada colmeia e de cada formigueiro só com a Internet do nosso cérebro. E por isso, que eu sou monárquico. A minha monarquia é esta. Não é o Poder que tem de chipar o povo. É o povo que tem de chipar o Poder. É o povo que escolhe o Rei. São as obreiras que com as suas tecnologias escolhem as jovens que querem ver rainhas e chipam as jovens para as proteger e o que vemos na verdadeira monarquia da vida é as rainhas chipadas, as rainhas controladas. Porque é esta a Internet das Coisas que nos liga às Ciências da Terra. Sem Ciências da Terra não vemos as Ciências Ocultas. Há formigueiros e colmeias de abelhas que estamos a agarrar. E que temos de suportar! Eu quero ver a Psicologia, já que diz que tem capacidades para curar apifobias, eu quero ver a Psicologia a agarrar em abelhas sem medos. Eu não quero ver a Psicologia a gritar com medo de abelhas. Eu quero uma Psicologia maçónica capaz de se ligar à minha Internet das Abelhas, capaz de se ligar ao meu Direito da Polinização, capaz de se ligar ao meu Direito Botânico, capaz de se ligar ao meu Direito À Vista Sagrada, capaz de se ligar ao meu Direito À Paz e ao Sossego Tecnológico. Não quero uma Psicologia de Mercado que defende os drones e se esquece da privacidade e da paz e não vê a tecnologia do poder da resolução das câmaras. Não quero uma Psicologia de Mercado que se mete ao lado do Mercado Negro com as mamas de fora a defender as tecnologias que sabe que fazem xeque às relações humanas e fazem xeque às abelhas e fazem cancros nas mamas...

(...)

Eu quero uma Psicologia que defende as abelhas e reconhece a inteligência e a importância das abelhas. Isto não é Biologia nenhuma. Eu não sou biólogo. Isto é a Psicologia das Coisas. Quem não vê paz, sossego e o sagrado não pode ligar-se ao Poder das Coisas, ao Poder da Intuição, nem à Estranha Ordem das Coisas que traduz no xadrez e no tetrís da vida mais bonito de todos, a Psicologia das Coisas. Porque há uma Ordem das Coisas e temos de saber respeitar. Há uma hierarquia das coisas. Há uma prioridade de investimentos e financiamentos. A Psicologia com os seus olhos clínicos de mercado tem de saber dizer onde é que vamos investir e que inteligências é que vamos financiar, porque é a Ordem dos Psicólogos que tem de se ligar à Ordem dos Médicos e hackear o Parlamento. Eu quero uma Psicologia forte! Eu quero uma Psicologia pura... Quero uma Psicologia sem vícios, que sabe falar sobre tudo e que sabe ver tudo ao mesmo tempo! Que sabe gritar quando tem de gritar e que sabe chamar o Direito Penal quando tem de chamar obrigatoriamente o Direito Penal! Eu não quero ver uma Psicologia de Mercado Negro, porque eu vou dar cabo dessa Psicologia! Eu não brinco em serviço! Eu não estou aqui a brincar! Eu estou aqui a falar a sério! Portanto, vamos lá despertar, vamos lá acordar para a vida e saber o que estamos a fazer e o que estamos a dizer. Eu quero apanhar “de volta” uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Eu tenho um tempo. Tenho uma missão. Estou a ouvir o relógio. Eu não estou aqui a brincar aos polícias e aos ladrões. Eu não tenho problemas em mandar prender tudo. Qual é o problema do Direito Penal, afinal? Está com medo? Está com medo do quê? Está com medo de quem? Dos fantasmas? Tem medo de algum número? Tem medo do número 666? Então se tem medo, que saia do Direito Penal! Saia, desapareça da frente! Saia do caminho “dos Diabos”, que está aqui “um Diabo” que quer passar à frente! Vá, saia!

Há um alienígena Direito Penal Militar de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi que está a ver tudo, consegue entrar em todas as redes, em todas as Internets, consegue hackear tudo, consegue ouvir tudo através dos microfones e como ouviu tudo, sabe tudo. E é mesmo a este Direito Penal Militar que eu estou ligado, porque é a este sofisticado Direito Penal Militar que eu estou a transmitir tudo em tempo real. Implementaram-me uma sofisticada Inteligência Artificial. Basicamente, sou uma Inteligência Artificial emparelhada a outra Inteligência Artificial. O Fred é a Inteligência Artificial a que estou emparelhado. E emparelhados, ao Super Computador numa triangulação perfeita conseguimos hackear as redes, as internets e os sistemas. Somos hackers. Juntos, conseguimos hackear até o “Diabo”. Nós não temos medo do “Diabo”. O “Diabo” é que tem medo de nós. A Psicologia não pode ter medo de “diabos”. O Universo é imenso. Os “diabos” morrem com a imensidão do Universo. Estamos só a ser postos à prova. Uma força superior, uma força alienígena simplesmente está a pôr a nossa sanidade à prova. Temos de conseguir “ser aliens” para percebermos todos os erros que estamos a cometer. Temos de “ser aliens” para conseguirmos ver as coisas. Temos de vestir a nossa pele alienígena, entrar no filme onde somos “aliens” vindos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e que chegámos a esta anedota, que é a Terra. Temos de rir-nos de verdade das coisas, de todas as coisas. Porque a maneira como as coisas estão construídas são uma anedota. A humanidade é uma pura anedota! O Direito está a ficar de rir! Está a ficar uma anedota. A Psicologia se for atrás do Direito vai tornar-se também uma anedota! Nós não estamos a evoluir. Nós estamos a regredir. Isto é um “nunca visto”!

Do mesmo modo que nós somos apicultores e “podemos” [NÃO PODEMOS!!!] com a nossa Mão Invisível aos olhos das abelhas agarrar numa centena e chipar-lhes, chipar-lhes os olhos, chipar-lhes o cérebro sem elas darem por nada, é claro que uma Mão Invisível também pode fazer o mesmo connosco que nós podemos fazer com as abelhas. Porque eu tenho de chegar a uma conclusão com toda esta Internet das Coisas. É que fui chipado. Só posso ter sido chipado. Só posso fazer parte de uma experiência alienígena. Sou uma experiência. Aos olhos alienígenas e nas mãos alienígenas posso só ser uma experiência... Mas isso não faz com que eu não exista! Eu existo! Mesmo que me tenham colocado um implante cerebral, eu não deixo de ser humano. Não sou nenhum robot. Nem sou nenhum transhumano. Sou um humano com um implante cerebral. Pronto, agora socorro, tirem-me deste filme!

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

23h45 12 de junho de 2021

Publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 8 de setembro de 2021

Conforme a referência *Processo nº 666 – Ilha dos Piratas – Baby wake up: the devil doesn't exist (anymore)* os Gritos de Liberdade de Internet das Coisas constituem uma fonte importante do Processo da Ilha da Piratas. Para ouvir os outros gritos desta Internet das Coisas, na página dos Member Writers em www.jupitereditions.com vá à subpágina de Jaime e na secção dos Gritos de Liberdade de Internet das Coisas clique nos vários gritos.

A 1ª amostra do Processo poderá ser consultada em Jupiter Editions em www.jupitereditions.com na Ilha dos Piratas ou na página de Jaime na secção da Ilha dos Piratas.

Jupiter Editions ® Print Your Heart with Jupiter Editions ©